

CHRISTOPHER HITCHENS

A vitória de Orwell

Tradução

Laura Teixeira Motta



Copyright © 2002 by Christopher Hitchens

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Orwell's victory

Capa
Mariana Newlands

Foto de capa
© Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Ana Maria Barbosa
Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hitchens, Christopher
A vitória de Orwell / Christopher Hitchens ; tradução
Laura Teixeira Motta. — São Paulo : Companhia das Letras,
2010.

Título original : Orwell's victory
ISBN 978-85-359-1695-9

1. Orwell, George, 1903-1950 - Crítica e interpretação -
História 2. Orwell, George, 1903-1950 - Influência 1. Título.

10-05437

CDD-828.809

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores ingleses : Avaliação crítica 828.809

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução: A figura, 11

1. Orwell e o império, 25
2. Orwell e a esquerda, 44
3. Orwell e a direita, 84
4. Orwell e a América, 106
5. Orwell e a “anglicidade”: as antinomias de São Jorge, 116
6. Orwell e as feministas: dificuldades com as mulheres, 140
7. “A lista”, 153
8. Generosidade e ira: os romances, 167
9. Desconstruindo os pós-modernistas:
Orwell e a transparência, 186
10. Conclusão, 197

Agradecimentos, 203

Introdução: A figura

Moral and mental glaciers melting slightly
Betray the influence of his warm intent.
Because he taught us what the actual meant
The vicious winter grips its prey less tightly.

Not all were grateful for his help, one finds,
For how they hated him, who huddled with
The comfort of a quick remedial myth
Against the cold world and their colder minds.

We die of words. For touchstones he restored
The real person, real event or thing;
— And thus we see not war but suffering
As the conjunction to be most abhorred.

He shared with a great world, for greater ends,
That honesty, a curious cunning virtue

You share with just the few who don't desert you.
A dozen writers, half-a-dozen friends.

A moral genius. And truth-seeking brings
Sometimes a silliness we view askance,
Like Darwin playing his bassoon to plants;
He too had lapses, but he claimed no wings.

While those who drown a truth's empiric part
In dithyramb or dogma turn frenetic;
— Than whom no writer could be less poetic
He left this lesson for all verse, all art.*

Robert Conquest, "George Orwell" (1969)

As estrofes acima foram escritas em um tempo glacial e se referem a um período de frigidez quase polar: a "meia-noite do século" analisada da ótica da Guerra Fria, com a perspectiva adi-

* Geleiras morais e mentais com algum derretimento/ Traem a influência de seu ardente intento./ Porque ele nos ensinou o significado do real/ A garra feroz do inverno é menos brutal.// Nem todos agradeceram seu auxílio,/ Foi odiado por quem vivia em idílio/ Com um mito paliativo de conforto apressado/ Contra as mentes frias deste mundo gelado.// Morremos de palavras. Ele restaurou a pessoa, o evento ou a coisa real como pedra fundamental;/ Por isso vemos que é o sofrimento e não a guerra/ A conjunção que mais abominação encerra.// Ele partilhou com o grande mundo, para fins gerais/ Aquela honestidade, curiosa virtude sagaz/ Que partilhamos com os poucos que não nos desamparam/ Um punhado de escritores, alguns amigos raros.// Um gênio moral. E a busca da verdade às vezes traz/ Uma tolice que o riso extravasa,/ Como Darwin ao tocar fagote para vegetais;/ Ele tinha deslizes, mas não se arrogava asas.// Enquanto uns afogam em ditirambo ou dogma frenético/ a parte empírica de uma verdade,/ Nenhum escritor poderia ser menos poético/ do que quem deixou esta lição para toda a poesia, toda a arte. (N. T.)

cional de um “inverno nuclear” nunca remoto o bastante para ser tirado do pensamento. Mas a frialdade da abertura é imediatamente redimida por uma centelha de simpatia, e essa centelha é renovada pelo subsequente fulgor da amizade até insuflar os versos finais com o que é quase fogo.

Se integridade e honestidade são virtudes frias ou quentes, é uma questão em aberto, e a Inglaterra pode ser um lugar úmido para situar a questão. *A fria consciência de uma geração* foi o subtítulo que Jeffrey Meyers deu à sua biografia de Orwell, lançada em 2000, e essa frase foi extraída das mornas páginas do escritor V. S. Pritchett. A obra de Orwell preocupa-se muito com os efeitos desalentadores do ponto de congelamento, e não é totalmente isenta da antiga crença de que um mergulho gelado faz bem. Mas esse indivíduo macilento e arredio teve suas duas epifanias cruciais nos climas tórridos e mormacentos da Birmânia e da Catalunha; e sua obra, de forma clandestina, mais tarde viria a acender uma fagulha nas Sibérias do mundo, aquecendo os corações de tiritantes poloneses e ucranianos e ajudando a derreter o *permafrost* do stalinismo. Se Lênin não houvesse pronunciado a máxima “o coração em fogo e o cérebro no gelo”, ela poderia aplicar-se a Orwell, cuja paixão e generosidade rivalizaram apenas com sua seriedade e independência de julgamento.

Sir (título que ele receberia mais tarde) Victor Pritchett foi um dos muitos que configuraram Orwell entre os “santos”, ainda que como membro secular dessa comunhão. Novamente somos confrontados com a frugalidade e o espectro da abnegação em vez de com o autor profano e humorístico que disse — referindo-se a Mahatma Gandhi — que os santos sempre devem ser considerados culpados até que se prove sua inocência. Falando de outra celebridade supostamente puritana, Thomas Carlyle escreveu sobre seu Cromwell que precisou arrancá-lo do meio de um monte de cães mortos e carniça antes de poder apresentá-lo como uma fi-

gura digna de uma biografia. Esta não é uma biografia, mas às vezes tenho a impressão de que George Orwell precisa ser arrancado de uma pilha de pastilhas de sacarina e lenços umedecidos — um objeto de enjoativa veneração e louvaminhas sentimentais, empregadas para estultificar escolares com uma insuportável retidão e pureza. Tributos assim costumam ser do tipo rochefoucauldiano, sugerindo o acerto de contas do vício com a virtude e também as peças pregadas por uma consciência pesada. (Afinal, é de Pritchett a seguinte crítica barata escrita em 1938 sobre os informes perigosamente verdadeiros que Orwell despachou de Barcelona: “Existem muitos argumentos eloquentes para manter escritores criativos fora da política, e George Orwell é um deles”.)

Houve muitos “escritores criativos” de perfil político destacado no período de 1933 a 1949, respectivamente os anos de lançamento de *Na pior em Paris e Londres* e 1984. Se concordarmos em nos restringir ao mundo anglófono, temos George Bernard Shaw, H. G. Wells, J. B. Priestley e Ernest Hemingway, apenas entre os mais eminentes. E, é claro, houve os poetas — o grupo coligido sob o canhestro nome de “MacSpaunday”, representando Louis MacNeice, Stephen Spender, W. H. Auden e Cecil Day Lewis. (Essa palavra-valise omite o nome de seu mentor, Edward Upward, sobre quem Orwell também escreveu.) É razoavelmente seguro dizer, porém, que as declarações políticas desses homens não mereceriam ser reimpressas hoje. Alguns de seus pronunciamentos foram estúpidos ou sinistros, outros apenas tolos, crédulos ou levianos. Em marcante contraste, recentemente revelou-se possível reimprimir cada carta, resenha e ensaio escritos por Orwell sem expô-lo a embaraço de espécie alguma. (Há uma polêmica exceção a esse veredicto, e pretendo examiná-la separadamente.)

Seria demasiado simples dizer que os senhores mencionados acima, juntamente com muitos outros no ramo do mero jornalismo, foram, ao contrário de Orwell, suscetíveis às seduções e

tentações do poder. Mas seria correto dizer que eles puderam ter certeza de que veriam seus escritos impressos, enquanto Orwell nunca pôde compor coisa alguma com a mesma confiança de que seria publicada. Assim, a vida de Orwell como escritor foi, em dois importantes sentidos, uma luta constante: primeiro, pelos princípios que ele abraçava e, segundo, pelo direito de depor em favor deles. Orwell parece nunca ter diluído suas opiniões na esperança de ver seu nome difundido entre os clientes pagantes; essa é, em si, uma pista para se compreender por que ele continua relevante.

Entretanto, é batida a imagem do escritor mourejando na água-furtada e vendo o fracasso como sinal de seus elevados princípios, e Orwell satirizou-a com algum detalhamento em seu romance *A flor da Inglaterra*. A importância de Orwell para o século encerrado há pouco e, portanto, seu status como personalidade da história e da literatura derivam da extraordinária proeminência dos temas que ele “enfrentou”, manteve e nunca abandonou. Em consequência, comumente usamos o termo “orwelliano” de dois modos. Descrever um estado de coisas como “orwelliano” é aludir a tirania, medo e conformismo esmagadores. Descrever um texto como “orwelliano” é reconhecer que a resistência humana a esses terrores é inextinguível. Nada mau para uma vida curta.

Os três grandes temas do século xx foram imperialismo, fascismo e stalinismo. Seria banal dizer que para nós essas “questões” têm apenas um interesse histórico; elas legaram toda a forma e o tom da nossa era. A maior parte da intelectualidade esteve fatalmente comprometida pela aceitação de uma ou outra dessas estruturas de desumanidade criadas pelo homem, alguns mais do que outros. (Sidney Webb, que escreveu em coautoria com a esposa o famigerado livro *Soviet Russia: A new civilization?* [URSS: uma nova civilização?]) e que na segunda edição removeu do título o ponto de interrogação bem a tempo de coincidir com

o Grande Expurgo, tornou-se lorde Passfield sob o governo trabalhista de Ramsay MacDonald em 1929 e, assim consagrado, atuou como um secretário colonial excepcionalmente repressivo e pretensioso. George Bernard Shaw conseguiu ser estupidamente leniente com Stálin e Mussolini.)

A decisão de Orwell de repudiar o imperialismo irrefletido que havia sido o ganha-pão de sua família (seu pai fora um executivo do degradante comércio de ópio entre a Índia Britânica e a China) pode ser representada como edipiana pelos críticos que preferem essas linhas de análise. No entanto, foi muito conscienciosa e, para a época, muito avançada. Além disso, matizou tudo o que ele escreveu depois. Não só tem presença marcante em um dos primeiros artigos que ele publicou — uma crítica sobre o modo como as tarifas britânicas estavam tolhendo o desenvolvimento da Birmânia, escrita para o jornal francês *Le Progrès Civique* em 1929 — mas também impregna seu primeiro livro de verdade, *Na pior em Paris e Londres*, e é um tema implícito em sua primeira contribuição para a revista *New Writing*, organizada por John Lehmann. Orwell pode ter ou não sentido culpa pela fonte de renda de sua família — uma imagem recorrente em seu famoso retrato da própria Inglaterra como uma família que mantém uma conspiração de silêncio a respeito de suas finanças —, mas sem dúvida acabou por ver a exploração das colônias como o segredo sujo de todo o esclarecido *establishment* político e cultural britânico. Essa percepção também lhe permitiu notar certos elementos na relação que Nietzsche chamava de “senhor-escravo”; sua ficção manifesta uma contínua consciência dos horrendos prazeres e tentações da subserviência, e muitas de suas cenas mais vívidas teriam sido inconcebíveis sem ela. Nós, que vivemos no cálido arrebol do pós-colonialismo e na complacente avaliação dos estudos pós-coloniais, às vezes esquecemos quanto devemos à pioneira insistência de Orwell.